

REPRESENTAÇÕES DA MODA FEMININA NA REVISTA P'RA VOCÊ: MULHERES NO RECIFE DOS ANOS 1930.

Representations of female fashion magazine in P'ra Você: women on the reef the years 1930.

LIMA, Ewennyne Rhoze Augusto. UFCG, ewennyerhoze@gmail.com¹

Resumo:

Esta Comunicação Oral objetiva apresentar como a moda e a beleza na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, tornou-se um referencial dos signos femininos tidos como participantes do processo de modernidade no início do século XX.

Palavras-Chave: Feminino. Moda. Revista. Representação.

Abstract:

This Communication aims to show how fashion and beauty in the city of Recife, capital of Pernambuco state , has become a benchmark of feminine signs taken as participants in the modernization process in the early twentieth century.

Keywords : Female. Fashion. Magazine. Representation.

¹ Bacharela e Licenciada em História pela Universidade Federal de Campina Grande, mestranda na mesma Universidade Federal, pelo Programa de Pós Graduação em História e Geografia. Graduanda em Sociologia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Tecnóloga em Moda, pelo SENAI. Foi Professora da Disciplina de História do Brasil no Pré-Vestibular Solidário (PVS) da UFCG (2011-2013). Monitora da disciplina de "História do Nordeste" (2013.1-2013.2) do Curso de História da UFCG. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: História das Mulheres; História da Moda; História do Recife Contemporâneo; Anos 1930.

1. Introdução.

Considerada a “Paris Nordeste”, a cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, tornou-se o referencial de modernidade no início do século XX. Um dos vários motivos que moveram a mensurada cidade rumo à modernidade foram às reformas urbanas, tomando como modelo as realizadas primeiramente em Paris ainda no século XIX e depois em várias outras cidades da Europa e do mundo. Recife respirava ares modernos e “incorporou” a seu cenário urbano novos costumes, sendo receptáculo e difusora de discursos, práticas e/ou elementos da cultura material moderna que chegavam do exterior².

Podemos observar os primeiros passos desse *processo mundial de modernização* na Paris do século XIX, sob a administração de George-Eugéne, o *Barão de Haussmann*. Este por sua vez recebeu o poder cedido por Napoleão III para modificar permanentemente a estrutura da capital francesa, desapropriando uma área central de 300 km e mais de cem mil habitações tidas como “focos epidêmicos”, constituindo vias largas favorecedoras de manobras militares, mansões, praças e bulevares, por exemplo.³

De maneira semelhante, em 1902, o Rio de Janeiro começou a sua reforma urbana promovida pelo então administrador da cidade. Pereira Passos demoliu varias imóveis em nome do *progresso*, eliminando não só as edificações como também desalojando moradores que se viram forçados a ocupar as áreas que estavam à margem do centro, promovendo uma profunda insatisfação popular. É necessário destacar que a implementação deste projeto foi realizada por um grupo político elitista, que idealizou uma modernização para a capital brasileira que atendesse exclusivamente as suas necessidades – até mesmo as ruas que passaram por esse processo de urbanização receberam novos nomes, substituindo as nomenclaturas que estavam vinculadas a *cultura popular* por termos republicanos que emergiam erguendo figuras que eram consideradas *contornos importantes do progresso brasileiro*.⁴

² OLIVIERA, 2002, pp. 15-16.

³ BARROS, 2012, PP. 7-36.

⁴ NEEDELL, 1993, PP. 19-73.

Com os novos espaços urbanos, como os bulevares e os passeios públicos, novas sociabilidades ganharam força e passaram a ser difundidas por esta elite. O discurso higienista⁵, que estava em declínio na Europa, domina as bocas e as páginas dos periódicos brasileiros⁶. A *boa aparência* é propagada pelas elites para as elites, todavia é possível percebermos que envolto por uma *fala médica* torna-se uma questão de saúde, sendo largamente vinculado por periódicos que a boa aparência era o reflexo da boa disposição física - como podemos perceber na trigésima página da primeira edição da Revista que é a fonte privilegiada desta pesquisa:



Perfumaria Parahyba. Direitos autorais concedidos aos Diário da Manhã.

Nas múltiplas cidades brasileiras que este mensurado discurso foi difundido, é possível que vejamos Recife apresentar-se, então, como uma

⁵ “O discurso higienista define a organização do espaço urbano, interfere nas políticas de urbanização das cidades européias e é utilizado para justificar grandes intervenções urbanas. Com o retorno das teorias hipocráticas, domina a concepção geográfica/ecológica, em que a doença é localizada no meio ambiente, ou seja, na água, na terra e no ar, três elementos indispensáveis da natureza, mas que se tornam inimigos em potencial. As topografias médicas constatam que a cidade é o meio mais doentio, o que leva a proposta de medicalização do espaço urbano. A Higiene surge como ciência de intervenção. A cidade é pensada de maneira utópica e várias propostas de cidades salubres são elaboradas por urbanistas culturalistas e progressistas, tendo a higiene no centro das discussões” (COSTA, 2013, p. 07).

⁶ MARTINS. 2008. PP. 27.

cidade de destaque no cenário nortista da época⁷. Esta cidade passou por inúmeras modificações, todavia gostaríamos de destacar a modificação intensiva entre os anos de 1909-1926. Esta *modernização* sinalizada foi profundamente importante para a capital, tendo em vista que modificou a feição colonial da mesma e incentivou a circulação de recursos que no mesmo período estava em declínio⁸.

2. Novas sensibilidades, novas modas.

Nesta feita, sendo cenário de intensas mudanças, a Recife torna-se palco de novas sensibilidades e profundas modificações ao mesmo tempo em que reintera permanências. Locais como o porto, as lojas do centro da cidade e os cafés converteram-se em pontos fundamentais para as novas relações sociais que emergiram, movimento de mudanças este batizado por Luís Carvalheira de Mendonça de *o baile da modernidade*: energia elétrica, automóveis, bonde elétrico, cinema, cafés, fotografia, modas, desfiles e novos espaços urbanos conduzem a cidade do Recife ao baile da modernidade, no início do século XX, até os anos 30⁹.

Neste *baile da modernidade*, podemos direcionar nosso olhar para vários caracteres, todavia nos voltaremos aos signos que contemplam o feminino moderno. Portanto, questionamo-nos: qual a dança que as mulheres poderiam encenar neste *baile*? Quais possibilidades eram a elas ofertadas para a inserção na lógica dessa vida tida como *moderna*?

Encontram-se respostas iniciais e parciais quando se considera que apenas uma pequena parcela da população recifense se beneficiava materialmente numa sociedade de consumo, onde se fazia necessário, então, representar a ascensão econômica e social através da indumentária – assim sendo, a imagem do indivíduo também passa a ser comercializada, como lembra Zygmunt Bauman quando mensura que os produtos que são

⁷ A cidade do Recife “é a principal referência urbana na maior parte do Norte que hoje chamamos de Nordeste. (...), o fato de que o Recife é a primeira cidade a celebrar, em sua vasta área de influência, os decantados elementos da vida moderna, faz com que facilmente se incorpore ao imaginário urbano nortista como a mais cosmopolita das cidades a nível regional” (ARANHA, 2001, pp. 253-255).

⁸ MOREIRA, 1995.

⁹ MENDONÇA, 2009, p. 193.

encorajados a serem colocados no mercado, promover e vender são elas mesmas [*as pessoas*]¹⁰.

Diante deste cenário multifacetado surge em fevereiro de 1930, na cidade do Recife, o periódico *P'ra Você* – semanal ilustrado que era associado à empresa *Diário da Manhã S.A.* Suas colunas abordaram fofocas locais, festas da elite, moda, arte e literatura como podemos ver abaixo.

Além de ter contado, entre seus colaboradores, com Jorge de Lima, Álvaro Lins, Aurélio Buarque de Holanda, Josué de Castro e Mário Melo. A revista foi suspensa na edição número 18, de 28 de junho de 1930, tendo sido reativada em fevereiro de 1932 até setembro de 1933. As capas e as ilustrações dos textos são de autoria do pintor Manoel Bandeira (não confundir com o poeta) e os pequenos desenhos e charges, a maioria de teor político, de J. Ranulpho.

Assim, buscamos através da revista *P'ra Você* o protótipo feminino *ideal* a partir de suas matérias sobre moda e beleza, projetando, desta feita, um rosto para a dita *mulher moderna* recifense, ao passo que se torne possível compreender certas mudanças cotidianas e de costumes nas práticas da década de 1930.

Esta busca frutificou em uma pesquisa que envereda por questões que envolvem uma história das mulheres, constituições identitárias sobre o feminino, uma história da moda e beleza assim como da cidade do Recife – inclusive, esta é uma produção revisitada e modificada em seus alicerces. Por isto, faz-se importante apresentar algumas pesquisas consolidadas que antecederam este estudo.

Sendo assim, estas indagações deram seu pontapé inicial na produção de pequenos artigos que culminaram na monografia publicada em 2014, intitulada *Revista Pr'a Você: Representações do feminino recifense nos anos 1930*. Por ter sido um trabalho pouco maturado, teve uma série de falhas que foram corrigidas com o avanço das investigações. Estas correções são perceptíveis neste TCC, que tornou-se fruto de um aprofundamento da problemática levantada anteriormente e abriu uma gama de novos questionamentos e hipóteses.

¹⁰ BAUMAN, 2007, p. 13.

Seguindo o que havíamos proposto, podemos citar como trabalho consolidado em áreas semelhantes, a obra *O Espírito das Roupas*¹¹ da autora Gilda de Melo e Souza. Esta obra escrita em 1950 representa uma abordagem incomum da moda, levando em conta o ano em que foi publicado. A autora, além de utilizar suas pesquisas, complementou sua obra utilizando o testemunho dos romancistas e pinturas, gravuras e fotografias da época. Assim, Souza demonstrou através deste recurso inovador para a época, como o Brasil do século XIX a vestimenta passa a ter uma profunda representação simbólica do status sócio econômico, o que fez com que muitos indivíduos buscassem se apossar deste símbolo com o intento de enquadrar-se numa classe que não lhes pertencia, tendo em vista que muitas vezes as posturas denunciavam a incompatibilidade do indivíduo com a imagem que o mesmo tentava constituir sobre si. É constatável, ao longo do aprofundamento na fonte, que este comportamento *impróprio* é comum no período em que a Revista foi publicada. Por isto esta obra de Souza foi fundamental para os primeiros questionamentos.

Utilizando o autor Gilberto Freyre e sua obra *Modos de Homem e Modas de Mulher*¹², que foi publicada pela primeira vez em 1987, pudemos fazer novos posicionamentos. Neste exemplar, Freyre relaciona as mudanças nas indumentárias às transformações do pensamento brasileiro desde o século XIX. Abordando temáticas congruentes a esta pesquisa, o autor pontua até as formulas que prometiam conservar a vitalidade da juventude.¹³ A influencia dos franceses na moda e beleza brasileira também foi estudada por Freyre e, como era de se esperar de sua obra, valoriza as *soluções* tupiniquins diante dos elementos estrangeiros. Estas *estratégias* tornam-se visíveis na medida em que esta pesquisa aprofunda-se na *Revista Pr'a Você*.

Para além dos autores citados, gostaríamos de mencionar Diana Crane e sua obra *A Moda e seu papel social*. Podemos compreender através de Crane como ao longo da historia as relações humanas mediram a criação e as transformações no uso da moda – as variações na escolha do vestuário constituem indicadores sutis de como são vivenciados os diferentes tipos de

¹¹ MELO E SOUZA, 1987.

¹² FREYRE, 1986.

¹³ FREYRE. 1986. PP. 18-22.

sociedade, assim como as diferentes posições dentro da mesma sociedade¹⁴. Crane, estudando a moda inglesa no século XIX, demonstra como nas sociedades contemporâneas a função das vestes que indicariam o status social foi progressivamente modificada, ao passo que nas sociedades contemporâneas a indumentária esta fortemente vinculada as escolhas identitárias cultivadas.

O exemplar *Tudo sobre Moda*¹⁵ também teve profunda representatividade nesta pesquisa. Marnie Fogg trabalhou nesta obra vinte séculos de moda, de maneira extremamente didática ao mesmo tempo em que apresentou o contexto sociocultural em que as vestimentas foram criadas. Esse conhecimento cronológico foi fundamental para constatar as permanências e discontinuidades nas vestimentas apresentadas pelo periódico – a exemplo da utilização de calças por mulheres, tendo em vista que era uma peça que adentrava os armários femininos europeus, todavia ainda era desaconselhado para as recifenses.

Já no segundo momento da obra *Os Excluídos da História*¹⁶, que é intitulado *MULHERES*, Michelle Perrot põe em cheque algumas das concepções constituídas neste trabalho até então, pois os textos vinculados a esta sessão buscam discutir a posição social da mulher francesa do século XIX – relações de poder que contemplam desde a dona de casa á assalariada. O corpo editorial da revista desejava uma aproximação específica com algumas praticas francesas, aproximando-se sutilmente dos escritos de Perrot.

Somando todas estas leituras aludidas anteriormente, e muitas outras posteriormente, nos dispomos no rastreio da representação da imagem feminina moderna na *P'ra Você*. Somos constantemente incentivados a enveredar por novas inquições, tendo em vista que os cuidados com a aparência física são hoje um espelho revelador, surpreendente, dos sonhos, mas também dos mais secretos temores fomentados pela cultura contemporânea¹⁷.

Na imersão dessas novas fronteiras, percebe-se o quanto há uma gama de possibilidades para que esta busca se torne efetiva. Em todo caso, esta

¹⁴ CRANE, 2000, p. 22.

¹⁵ FOGG, 2013.

¹⁶ PERROT, 1988.

¹⁷ SANT'ANNA, 2015. PP. 10-11.

proposta de pesquisa segue, com segurança, aquilo que Lynn Hunt, em texto de 1989¹⁸, preconiza acerca dos documentos e do lidar com as fontes: estes não são simples reflexos transparentes do passado; são, na verdade, dizeres práticos e elaborados que carregam consigo ações simbólicas que se desenrolam a partir de vários significados diferentes e, por vezes, dissonantes. No caso da Revista *P'ra Você*, os significados vão ganhando corpo à medida que se observa as intencionalidades e, alhures, ao passo que seus leitores e, majoritariamente, suas leitoras recriam novos sentidos e fazem usos diversos do que leram na década de 1930.

Partindo desta perspectiva, entende-se que o *paradigma indiciário* do historiador italiano Carlo Ginzburg pode sugerir uma peça metodológica importante para a análise do periódico por permitir uma averiguação esmiuçada e detalhista dos pormenores e dos sinais que se “escondem” deixados pelos rastros dos dizeres do outro no tempo. Seguindo tais sinais, é possível perceber como esses menores detalhes podem nos fornecer informações importantíssimas para a compreensão da imagem feminina nos anos 1930. “Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, baixos, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano”¹⁹. Podem, nesta feita, enriquecer a probabilidade de análise, efetivando a importância que se alcança com o periódico para a historiografia sobre o tema e para as pretensões da história que aqui se quer contar.

Outra questão relacionada à História Cultural e de cunho importantíssimo para a compreensão do que se pretende analisar é aquilo que o historiador Roger Chartier, em *A História Cultural: entre práticas e representações*, lança ao pesquisador enquanto possibilidade metodológica: o conceito de *representação* lança mão de “uma história cultural do social que tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal qual ela é, ou como gostaria que fosse”²⁰. Tendo isto como premissa, pretende-se analisar as fontes enquanto representações de uma realidade específica (no caso, as

¹⁸ HUNT, 1992.

¹⁹ GINZBURG, 1990, p. 149.

²⁰ CHARTIER, 1990, p. 19.

construções imagéticas femininas e as elites recifenses na década de 1930, além das mudanças do “bem vestir” nesse contexto) que se facetam em múltiplos sentidos. Tal pluralidade, distante no tempo, terá por via de acesso as páginas da revista.

Conjecturamos que se faz necessário identificar na década de 1930, na cidade do Recife, como essa vivência social feminina foi edificada, pensada e dada a ler. A lidar com a representação é fundamental para que se perceba como estas mulheres foram idealizadas e estereotipadas e como lideram com tais categorizações sobre si mesmas, através de concepções, valores e domínios que se diziam, ao tempo inteiro, “modernos”. Por isto, os símbolos deste moderno que se faziam falar em seus trajes e no seu comportamento serão fundamentais para que possamos problematizar essa imagem “apropriada” que se criou para as mulheres leitoras da revista.

Esta imagem que menciono pode ser vista através das colunas da revista *Pr'a Você*, especificamente nas que versam sobre moda, poesia, política e eventos sociais, observando cautelosamente as figuras apresentadas em tais colunas, a fim de captar com maior capacidade as representações da figura feminina idealizada, tendo por fontes primárias as próprias edições do periódico, o que não impede de haver uma pesquisa por entre outros periódicos semelhantes, efetivando um cruzamento de fontes para a confirmação de certas informações, a exemplo das edições do próprio *Diário da Manhã*, do qual a administração gerou e custeou a revista *P'ra Você*.

Nas edições digitalizadas do periódico uma parcela do cotidiano feminino é retratada. Todavia, também há uma idealização do imagético europeu, que por vezes era um estereótipo longe da realidade, como podemos ver na próxima página:



Cocktail. Todos os direitos concedidos ao Diário da manhã.

A mulher branca, com traços europeus e estadunidenses possui uma beleza aclamada pela *Pr'a Você* - *todas as cousas lindas deste século vivem no teu corpinho elegantíssimo, as tardes citadinas, rumorosas, um novo 'blues', filtrado pelos banjos, das orquestras de fita americana* – cheia de predicados como a discreta sensualidade que satisfaz anseios masculinos, primando sempre por uma beleza associada a traços estrangeiros. Em paginas posteriores vemos um contraponto ser constituído.

Dos múltiplos paradoxos apresentados pela Revista, a beleza feminina local apresenta-se como o mais gritante. Concomitantemente a tentativa de estabelecer uma imagem regional *Pr'a Você* esbarra no desprestígio da mulata, que é dona de uma sexualidade latente herdada das múltiplas missigenações - mulata de minha terra que a minha vida machuca e que os meus óio catuca, com esses óio quebrado – como vemos na pagina que segue.



Mulata da minha terra. Direitos de imagem concedidos ao diário da manhã.

3. Conclusão.

Cria-se, nesta feita, uma ideia regionalizada e limítrofe para a beleza regional, com os seios desnudos, e a sexualidade relacionada à vida ruralizada, campesina. Observar tais estereótipos e inseri-los no seu contexto histórico é uma das múltiplas propostas deste trabalho de conclusão de curso em licenciatura.

Logo, diante de tudo que foi dito anteriormente, nos dispomos a perscrutar as fontes já mencionadas em dois momentos: a) no primeiro capítulo

buscamos versar as modificações ocorridas na cidade do Recife no início do século XX, utilizando como eixos norteadores os autores, e professores da Universidade Federal de Pernambuco, Antonio Paulo Rezende e Luciano Mendonça; b) já para o segundo capítulo enveredamos nos pormenores do imagético feminino moderno recifense, estabelecendo diálogos entre a Pr'a Você e autores como Gilles Lipovetsky, Diana Crane e João Braga, no intento de responder nossos questionamentos. Sem embargo, apresentamos por último as considerações finais alcançadas através desta pesquisa – considerações estas que podem ser modificadas com o avançar desta inquirição.

4. Referencias Bibliográficas.

ABREU, Karen Cristina Kraemer & BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz. “A História das Revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial”. In: BIBLIOTECA Online de Ciências da Comunicação *web site*. **Disponível em:** <http://www.bocc.ubi.pt /pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>. **Acesso em:** 22/01/2014.

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e Região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado em História, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. São Paulo. Editora IMESP. 2006.

BERRAL, Roberval Santiago. *A Cidade do Recife à Luz da Fotografia*. Campina Grande, PB: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2009.

BRAGA, João. *História da Moda: uma narrativa*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, pp. 07-38.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994 [Vol. 1: *Artes de Fazer*].

CHATAIGNIER, Gilda. *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Estação das Letras, 2010.

CHATIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990 / Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. "Discurso Médico-Higienista e Ordem Urbana". In: ANAIS do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2013.

CRANE, Diana. *A Moda e seu Papel Social: classe, gênero e identidade das roupas*. 2ª edição. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e Família Burguesa". In: DEL PRIORI, Mary (org). *Historia das Mulheres no Brasil*. 10ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

DEL PRIORI, Mary. *Corpo a Corpo com a Mulher: pequena historia das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

ECO, Umberto. *Historia da Beleza*. 2ª edição. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

ERNER, Guillaume. *Vitimas da Moda? Como a criamos, porque a seguimos*. Tradução: Eric Roland René Heneault. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

FARIA, Teresa Peixoto & POHLMANN, Maria Alice R. O. "Discurso Higienista na Construção da Cidade Moderna: o papel da revista 'A-Aurora-Lettras-Artes-Sciências'". In: ANAIS do X Encontro Nacional da Anpur. Belo Horizonte, 2003, pp. 01-16.

FOGG, Marnie. *Tudo sobre Moda*. Tradução: Débora Chaves, Fernanda Abreu & Ivo Korytowksi. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

FREYRE, Gilberto. *Modos de Homem e Modas de Mulher*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOMEM DE MELO, Chico & RAMOS, Elaine (orgs.). *Linha do Tempo do Design Gráfico no Brasil*. São Paulo: Cosacnaify, 2012.

HUNT, Lynn. "Apresentação: história, cultura e texto". In: HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992, pp. 01-32.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Luxo Eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARWICK, Arthur. *Uma História da Beleza Humana*. Tradução: Luiz A. de Araújo. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

MELO E SOUSA, Gilda de. *O Espírito das Roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MENDONÇA, Luís Carvalheira de. *Recife Mascate: a aventura empreendedora lusa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MOREIRA, Fernando Diniz. "A Construção de uma Cidade Moderna: Recife (1909-1930)". In: ANAIS dos *Encontros Nacionais da Anpur*. **Disponível em:** <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/1643/1617>.

Acesso em: 17 de agosto de 2013.

MORIN, Edgar. *As Estrelas: mito e sedução no cinema*. Tradução: Luciano Trigo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

OLIVEIRA, Iranílson Buriti de. *A Construção de Conceitos de Família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30)*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Tese de Doutorado em História, 2002.

PANDOLFI, Dulce Chaves. "Os Anos 30: as incertezas do regime". In: ANAIS do XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003, pp. 01-07.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. [Seleção de textos de Stella Bresciani].

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

SALLES, Manon. "As Tramas do Café com Leite': indumentária de paulistas e mineiros (1890-1930)". In: CONEXÃO Moda Website. **Disponível em:** <http://conexaomoda.files.wordpress.com/2010/05/indumentaria-de-paulistas-e-mineiros-1890-1930.pdf>. **Acesso em:** 12 de setembro de 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. "A Teoria do *Habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea". In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, nº 20 de Maio/Junho/Julho/Agosto de 2002, pp. 60-154.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. "A Moda como Prática Cultural em Pierre Bourdieu". In: *IARA: revista de moda, cultura e arte*. São Paulo, vol. 01, nº 01 de abril a agosto de 2008, pp. 119-141.

VIGARELLO, Georges. *Historia de la Belleza: el cuerpo y el arte de embellecer desde el Renacimiento hasta nuestros días*. Tradução: Heder Cardoso. Buenos Aires: Editora Nueva Visión, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.